



CUNHA, Andréa Mendonça; MARIANO, Márcia R. C. P. A construção discursiva do herói (ou do anti-herói) em *Volta seca: um menino no cangaço*. In: *Revista Épicas*, Ano 1, N. 2, Dez 2017, p. 1-9. ISSN 2527-080-X.

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO HERÓI (OU DO ANTI-HERÓI) EM VOLTA SECA: UM MENINO NO CANGAÇO¹

THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE HERO (OR ANTI-HERO) IN VOLTA SECA: UM MENINO NO CANGAÇO

Andréa Mendonça Cunha²
Márcia Regina Curado Pereira Mariano³
Universidade Federal de Sergipe/COPES/UFS

RESUMO: O presente artigo é resultado da pesquisa interdisciplinar “A construção discursiva do ethos do herói no cordel sergipano” e visa apresentar uma análise da imagem discursiva do cangaceiro itabaianense Volta Seca, construída na narrativa cordelista do paraibano Gonçalo Ferreira da Silva, intitulada *Volta Seca: um menino no cangaço*⁴. Para tanto, recorreremos a conceitos retóricos e neoretóricos por meio de Ferreira (2010) e, considerando o cordel uma épica popular, à definição de herói épico, segundo Silva e Ramalho (2007), além de outros conceitos e autores. A partir da análise,

¹ Este artigo foi apresentado no III SEDIAR – Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação, realizado na Universidade Federal de Sergipe de 30/05 a 03/06/2016 e foi publicado nos Anais do evento (disponível em: <http://octeventos.com/site/sediar/anais.php>). Na versão aqui apresentada, foi acrescentada a imagem da capa do cordel.

² Graduanda (6º período), ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica junto ao projeto “A construção discursiva do ethos do herói no cordel sergipano”, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho, no período de agosto de 2015 a julho de 2016. Atual bolsista CNPQ em outro projeto de iniciação científica coordenado pela mesma professora. Voluntária no projeto PIBID do mesmo departamento. E-mail: andreamendonca07@gmail.com.

³ Professora Adjunta do Departamento de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe desde 2011. Doutora em Língua Portuguesa em 2007 pela FFLCH-USP. E-mail: ma.rcpmariano@gmail.com.

⁴ Capa do cordel no anexo do artigo.

observamos que a busca pela persuasão envolve emoções e paixões e que o “ser herói”, neste texto, depende do ponto de vista do leitor, de suas crenças e valores.

Palavras-chave: cordel; Volta Seca; heroísmo épico; análise do discurso.

ABSTRACT: This article results from the research developed on the interdisciplinary project "The discursive construction of the hero ethos in Sergipe's cordel literature" and aims to show an analysis of the discursive image of a famous outlaw born in Itabaiana, Volta Seca, in the narrative constructed by the cordel writer Gonçalo Ferreira da Silva from Paraíba in a work called *Volta Seca: an outlaw boy*. To achieve this, the article uses the aristotelian and neo-retorics concepts developed by Ferreira (2010) and, considering the cordel literature as a popular epic, also the definition of an epic hero by Silva e Ramalho (2007), among other concepts and authors. Ultimately, the analysis shows that the search for persuasion involves emotions and passions and that "being a hero", in this case, also depends on the reader's point of view, beliefs and values.

Keywords: cordel; Volta Seca; epic heroism; discourse analysis.

Introdução

Foi com Aristóteles, em *Arte retórica*, que as bases para a retórica ocidental foram formadas. Seus estudos tiveram grande influência nas reflexões sobre a linguagem até o século XIX, quando seus ideais entraram em declínio em função do desinteresse pelos debates públicos, por sua redução ao uso das figuras e por sua limitação a gêneros orais (judiciário, deliberativo e epidítico/laudatório). No entanto, a retórica resistiu e ressurgiu na segunda metade dos anos 50 do século XX com uma nova perspectiva: “não mais pretende, especificamente, ensinar a produzir textos, mas, sobretudo, objetiva oferecer caminhos para interpretar os discursos”, além disso “incorpora todas as formas modernas de discurso persuasivo.”(FERREIRA, 2010, p. 46).

Os estudos daí decorrentes buscaram retomar a retórica aristotélica e adequá-la ao mundo contemporâneo, enfatizando mais ou menos um ou outro conceito do filósofo. Dentre os conceitos resgatados está o ethos, apontado pelo estagirita como o principal meio de persuasão e que vem ganhando destaque não apenas nos estudos retóricos ou de argumentação de base aristotélica, mas também entre estudos do texto e do discurso de diferentes abordagens.

Tratando-se do ethos aristotélico, ele remete ao caráter e à moral que o orador constrói de si no discurso. Em textos atuais de Maingueneau (2005) e Amossy (2005), numa perspectiva da análise do discurso francesa, a imagem construída pelo auditório antes que o orador fale é destacada, seria o ethos pré-discursivo ou o ethos prévio. Outras pesquisas destacam a imagem que o orador constrói de outros em seu texto, e aí encontramos “o ethos do brasileiro”, “o ethos da mulher”, “o ethos machista” etc. E é nesse alargamento do conceito de ethos que propomos aqui, e em nosso projeto, trabalhar com o ethos do herói no cordel. Convém destacar que em todas essas acepções o ethos corresponde a uma imagem construída pelo orador no discurso.

Nosso herói almejado, no entanto, é o herói épico, aquele que ocupa um lugar na história e na mítica, o que nos leva às narrativas cordelistas e à busca da matéria épica nesses textos, que podem ser considerados pertencentes a uma épica popular contemporânea. A junção dos estudos aqui apresentados, portanto, nos permitirá observar a retórica e a argumentação na construção do herói épico na literatura de cordel, evidenciando a importância dos trabalhos interdisciplinares para a compreensão dos textos e o não pertencimento da retórica a nenhuma área específica, afinal, como diz Ferreira (2010), todos nós somos seres retóricos, o tempo todo.

Literatura de cordel, estudos épicos e retórica: um diálogo possível

Segundo Navarro (2013), no *Dicionário do Nordeste*, o cordel pode ser conceituado como “o romanceiro popular nordestino, a literatura de cordel, tanto em sua forma oral, declamada nas praças e ruas, quanto na escrita, vendida através de folhetos de baixo custo.” (p. 242). É, portanto, nessa definição que nos deparamos com um dos pontos criticados por Luciano em *História Crítica do Cordel Brasileiro*. Para o autor, o cordel não deve ser estudado como literatura popular, pois desse modo torna-se impossível oferecer “sua verdadeira dimensão literária”. Por isso defende que é fundamental estudá-lo como literatura brasileira, e valorizar a expressão do cordelista “como a de qualquer escritor que sinta a necessidade de escrever. Ao escritor cabe escrever o quê e como lhe convier” (LUCIANO, 2012, p. 83-84).

Com relação à origem dessa literatura, há divergências entre autores (LUCIANO, 2012). Sabe-se, no entanto, que o cordel brasileiro surgiu na região Nordeste, onde os livrinhos eram vendidos por seus produtores em simples bancas em feiras e praças, a baixo custo, trazendo conteúdos diversos em estrofes, versos rimados e a xilogravura como arte de capa. Estendendo-se por uma região que além da seca enfrenta as mazelas da má política administrativa que resulta em altas taxas de mortalidade infantil e analfabetismo⁵, definimos, portanto, que é esta a literatura que, segundo Nemer, “expressa a condição de exclusão dessa camada da população” (SILVA, 2008, p. 19 *apud* NEMER, 2015, p. 23).

Tendo em vista que a literatura de cordel denuncia a luta de classes, o eterno conflito entre os homens pelo poder e reflete o imaginário popular, podemos deduzir que é de grande importância o seu estudo na área da retórica, assim como é possível sua relação com o épico, pois “refletir acerca da natureza e da função da literatura popular através dos folhetos de cordel

⁵ Dados IBGE.

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/tabela1.shtm> 3.

é estudar o processo de evolução do homem, é estudar a arte por ele mesmo produzida” (ALBUQUERQUE, 2011, p. 55).

Assim como aconteceu com a retórica, segundo Ramalho (2013, p.15), no século XVIII, o gênero épico também foi considerado como esgotado, no entanto, sobreviveu pelos seus diferentes modos de manifestação que consistem na “sintonia com questões sociais, históricas, políticas, estéticas, etc.” É, portanto, partindo dessa premissa que abordaremos a literatura de cordel como uma dessas manifestações, construindo uma ponte entre a literatura popular e a literatura épica muito menos por suas características estéticas e formais e muito mais por sua função social.

Considerando a necessidade de adaptação do contexto, da estética e dos modos de manifestação literária, Ramalho se questiona sobre como reconhecer um texto épico, visto que essa “manifestação já não obedece aos padrões clássicos de epopeia” (2013, p.17). Uma das formas é encontrar características atemporais que se fazem presentes em narrativas de outros gêneros, neste caso, no cordel. No livreto analisado, encontramos, assim como no discurso épico, uma narrativa criada a partir da mescla entre a dimensão real e a mítica, ou seja, instaurada no plano histórico e no plano maravilhoso; sustentada pelo discurso oral; construída por uma dupla instância de enunciação: lírica e narrativa, que apresenta os elementos narrativos característicos – acontecimento, personagens e espaço, além de versos e rimas. Tendo ainda, a “matéria épica a configuração de uma ideia ou temática que, impregnada no imaginário coletivo e social, suscita manifestações discursivas e/ou artísticas de natureza diversa” (SILVA e RAMALHO, 2007, p.57).

Outra aproximação entre os gêneros cordel e épico é que a literatura cordelista também atua na busca de representação de um coletivo, já que pretende “o artista captar, no seio de sua cultura, imagens, discursos, eventos e símbolos” (SILVA e RAMALHO, 2007, p.55). No cordel analisado, vemos na elaboração do herói e/ou do anti-herói um meio de construir a expressão de uma sociedade esquecida e sofrida demarcando seu espaço no mundo, ou ainda, ‘um estar no mundo’.

Visando analisar essa construção no cordel, temos em Silva e Ramalho as peculiaridades do herói dentro da matéria épica: “caracteriza-se por uma dupla condição existencial, a humana e a mítica” (SILVA e RAMALHO, 2007, p.59-60), sendo, portanto, exigidos desse personagem o feito histórico e o feito maravilhoso, e que seu poder de ação sobressaia-se aos feitos humanos, encaixando-o, desse modo, no plano mítico. Deste modo, o herói, caracterizado pelo *fazer*, encontra no anti-herói aquele que incorpora, na instância narrativa, o *não-fazer*, ou seja, aquele que impede ou busca impedir a ação que pode elevar um sujeito a herói, representando “o reverso, a subversão de valores que não eram então questionados” (ARANTES, 2008, p. 10).

Relacionando a figura heroica com o mito, sabemos que este, em primeira instância, é tido como sinônimo de ficção e ilusão; no entanto, Eliade contrapõe-se a essa conceituação e afirma que “o mito designa, ao contrário, uma ‘história verdadeira’ e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado exemplar e significativo” (1972. p. 6). Segundo o autor, o mito não se detém a narrar curiosidades científicas, e sim a abordar aspirações morais, religiosas e aspectos de ordem social.

Considerando os aspectos atribuídos ao mito, podemos afirmar que as narrativas cordelistas atualizam um mito transmitido de geração a geração, num intenso processo de intertextualização, mais especificamente, em diálogo “entre aquilo que o povo conhece, está acostumado a ler, a ouvir e a novidade introduzida pelo poeta visando agradar ao leitor que, ao contrário do leitor de literatura erudita, exerce a função de co-autor, de colaborador do texto” (NEMER, 2005, p. 37).

Logo, podemos destacar a importância, para os estudos da linguagem, da reflexão sobre a imagem do herói cangaceiro que se constrói em meio a uma realidade de fome, exclusão social, seca, violência e migrações, atuando como “porta-voz dos hábitos e instituições nordestinas, realizando uma proposta ética em conformidade com o seu ambiente” (NEMER, 2005. p.33). Um herói que é imortalizado pela voz popular, visto que “sua história não cessa de ser reescrita, sua imagem de ser reelaborada” e sujeito a diferentes avaliações de seus feitos, podendo ainda ser visto como bandido: “Anjo e diabo, bom e cruel, vítima do destino e assassino por prazer, o cangaceiro é objeto de múltiplas representações” (NEMER, 2005, p. 12).

Na maioria das narrativas cordelistas, entretanto, o cangaceiro é “um herói que tem como missão estabelecer ordem no mundo injusto”. Considerando suas experiências de vida em uma região onde a população é assolada pelas desigualdades sociais e pela seca, o banditismo e a violência se construíram como meios para sobrevivência, levando “o sertanejo a aceitar e, sobretudo, a glorificar a figura fora da lei” (NEMER, 2005, p. 37). Esse mesmo herói do/para o povo é o bandido do resto da sociedade, do poder organizado. E o que acontece quando cangaceiro afronta ou trai cangaceiro? Ele é o herói de quem? É o anti-herói de quem? E se o cangaceiro traído for Lampião, o rei do cangaço? É isso que veremos na análise, a seguir.

Análise: *Volta Seca, um menino no cangaço*

Como já discutido neste artigo, o cangaceiro é sujeito a diferentes avaliações, portanto, ele pode ser visto como herói ou bandido. No cordel em análise, interessa-nos o ethos do itabaiense Volta Seca, que entra no cangaço aos 11 anos de idade e se destaca no grupo por

alguns atos de coragem. Em razão de sua bravura ao desafiar o seu chefe Lampião, pode ser visto por alguns leitores como herói, já por outros, como anti-herói. O que segue são recortes da narrativa cordelista que mostram a construção do ethos da personagem.

Caracterizando-se, dentro dos gêneros apontados por Aristóteles, como um texto epidítico, logo no início da narrativa o cordelista apresenta o jovem Antônio da Pinta como menino humilde, vítima das desigualdades sociais, que, perambulando pelo mundo, decide fazer parte do cangaço. Deste modo, tendo em vista o discurso mítico que cerca a história do cangaço brasileiro, em uma eterna luta entre o bem e o mal, aqui o menino já inicia sua transposição do real para o mítico, de simples menino para cangaceiro.

Levando uma franga virgem
Debaixo do esquerdo braço
Com onze anos apenas
O falante Volta Seca
Fez carreira no cangaço.

No plano da *inventio*, que consiste na escolha dos argumentos que sustentam o discurso, o ethos heroico do cangaceiro se baseia em argumentos dos lugares da qualidade e da quantidade:

Perambulando com fome
Sem um só acompanhante
Teve que bater de frente
Com decidida volante
Enfrentando vinte homens
De modo impressionante.

Bem como em suas atitudes e pensamentos que remetem à bondade e à justiça, e que, descritos no texto, buscam persuadir o leitor pelas paixões (pathos):

Nessa altura Volta Seca
Tinha apenas treze anos
Somente dois no cangaço
E povoado de planos
Para reunir dinheiro para seus manos

Não posso ver em silêncio
Tamanha indignidade
Quem bater na minha cara,
Digo com sinceridade
Estará plantando vento
Para colher tempestade.

Na estrofe acima, no entanto, deparamo-nos com a indecisão na consolidação do ethos de Volta Seca, visto que, a partir da indignação do menino diante de um ato de Lampião e do desafio ao rei do Cangaço, o discurso passa a abrir espaço para o universo da doxa, ou seja, aqui, para as opiniões dos leitores: herói ou anti-herói? O cordelista revela a ação de revolta do jovem contra seu chefe, que depois desse episódio se atentou aos feitos do menino.

Todavia o episódio
Causou admiração
No grupo, e secretamente
Até mesmo em Lampião
Revelada à sua amada
Sentado em trempe no chão.

Mesmo assim, o jovem cangaceiro ficou sob vigia. Sendo denunciado por supostamente ajudar as volantes, Lampião decide expulsá-lo do bando, prometendo dar fim à vida do cangaceiro que há dois anos o seguia.

Lampião ao saber disse
Com fúria e ironia
-Comunique a Volta Seca
O fim de sua alegria
Porque eu vou fuzilá-lo
Ainda com a luz do dia.

Sabendo dos planos de Lampião, Volta Seca decide fugir do grupo, revelando neste momento, na narrativa, uma outra possibilidade de identidade discursiva do cangaceiro, um ethos anti-heróico, visto que trai seu chefe abandonando o grupo sem ao menos se justificar ou se defender.

Por precaução preferiu
Ser da prudência aliado
E antes que o sol caísse
Saiu do grupo, apressado.

Do mesmo modo que o ethos de herói relativo a Volta Seca baseia-se no despertar das paixões do leitor, o de anti-herói também, não só por trair aquele tido por muitos (nordestinos, principalmente) como herói, mas por trair quem o tratava, a seu modo, como filho.

Lampião dava ao garoto
Ensinamento paterno,
Como conviver com o grupo
Como ser forte e fraterno.

Por fim, o que vemos é que o cordelista destaca em sua narrativa a existência da doxa. No cordel em análise, notamos a abertura para um conflito de opiniões. O narrador expõe os feitos do cangaceiro e deixa o seu auditório adotar para o personagem a posição de herói –pela bravura e validade de seus feitos– ou a posição de anti-herói - por desafiar o seu chefe e deixar o bando. Por conseguinte, o que vemos é a construção de um ethos cangaceiro peculiar, que tendo construído história no cangaço se destaca pelos seus feitos e sua luta em assumir um espaço na sociedade, o que acaba persuadindo o auditório pela emoção da rendição aos padrões sociais.

Aos oitenta e quatro anos
Volta Seca agora busca
Ao lado da esposa Isaura
Recurso que lhe permita
A aquisição de um fusca.

Considerações finais

Neste artigo analisamos a construção do ethos do cangaceiro Volta Seca no folheto de cordel *Volta Seca: um menino no cangaço*. Para tanto, baseamo-nos em conceitos retóricos e neoretóricos de base aristotélica, na tentativa de identificar as técnicas discursivas que conduzem à persuasão, e estabelecemos um diálogo com os estudos dos gêneros épico e cordel. Observamos que a construção de sua imagem discursiva mescla o plano histórico e o mítico, como na definição do herói épico, já que Volta Seca não é caracterizado como um menino comum, mas dotado de uma bravura que impressionou inclusive seu chefe, Lampião. A construção da narrativa, no entanto, encaminha seus leitores para o universo da doxa, em que se encontram as diferentes opiniões: seria Volta Seca herói ou anti-herói? Para o leitor que considera Lampião um herói, Volta Seca será visto como anti-herói, já que supostamente traiu seu chefe e o bando. Para aquele que considera Lampião um bandido, o menino foi um herói, já que afrontou o chefe em situações de injustiça e o delatou às autoridades. Ao final, percebemos a importância dos estudos sobre o ethos para ampliar a compreensão das narrativas de cordel e destacamos a possibilidade de um diálogo saudável entre diferentes disciplinas dos estudos da linguagem, com a perspectiva de desenvolvimento de outros trabalhos de pesquisa.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth B.C. de. **Literatura popular de cordel**: dos ciclos temáticos à classificação bibliográfica. 2011. 220 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba. Disponível em <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?%20codArquivo=1925>. Acesso em 22/02/2016.

AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso** – a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 09-28.

ARANTES. Aldinéia Cardoso. **O estatuto do anti-herói**: estudo da origem e representação, em análise crítica do *Satyricon*, de Petronio e *Dom Quixote*, de Cervantes. 2008. 116 p. Dissertação (Pós-graduação em Letras, área de concentração: Estudos Literários) - Universidade Estadual de Maringá, Paraná. Disponível em <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/acarantes.pdf>>. Acesso em 22/02/2016.

ELÍADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectivas, 1972.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2010.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamento para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro: Adaga, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si no discurso** – a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. Aracaju: Editora Edise, 2013.

NEMER, Sylvia Regina B. **A função intertextual do cordel no cinema de Glauber Rocha**. 2005. 222 p. Tese (Escola de Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=12>. Acesso em 22/02/2016.

RAMALHO, Christina B. **Poemas épicos**: estratégias de leitura. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

SILVA, Anazildo V. da e RAMALHO, Christina B. **História da epopeia brasileira** - teoria, crítica e percurso. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Volta Seca**: um menino no cangaço. Paraíba: s/e. 2002.

ANEXO



Figura 1: Capa do cordel analisado